

CENTENÁRIO E UTOPIA: reflexões sobre Dom Helder Câmara.

1. INTRODUÇÃO

*Há mais mistérios no céu e na terra do
que imagina nossa vã filosofia.*

Pascal

No centenário de Dom Helder Câmara, pensei em prestar uma homenagem a esse pensador nordestino que, não só no campo religioso, mas, nas humanidades, foi um grande intelectual, sobretudo na defesa dos Direitos Humanos, da Justiça Social e da igualdade entre os povos.

No seu viver itinerante tornou-se um caminhante errático em busca de sua utopia em cujo conteúdo está presente esperança, emoção, afetividade, razão e, por que não dizer, desrazão. Os fragmentos de sua vida atestam a missão a que se propôs: relacionar-se com o mundo e com os homens respeitando as diferenças, depoimento que comprova sua paixão pelo homem enquanto ser, pela justiça e unidade entre irmãos. “Dom Helder sempre insistiu que a unidade não só respeita as diferenças, mas pode delas nutrir-se” (BARROS, 2007, p.24).

Tive o privilégio de conhecer Dom Helder Câmara de uma forma muito favorável a uma relação mais próxima, nos anos 70 no Recife. Estava eu fazendo um curso de Desenvolvimento Sócio Econômico patrocinado pela SUDENE e Dom Helder ia sempre visitar os estudantes (brasileiros e estrangeiros de várias profissões). Conversava com grupos interessados sobre religião, questões sociais e política. Naquelas conversas pude entender o significado de Deus, de pecado e a relação que o Ser Supremo estabelece com os homens. Uma relação de afeto, de compreensão, de amor e não de reprovação, condenação e castigo pelos pecados. Uma relação de vida e não de morte. Fez-me, a partir daqueles encontros, ter uma visão de perdão e de amor, diferente da que tinha até então, apesar da minha vivência em Ação Católica, quando universitária – a JUC. Mas Dom Helder mostrou-me um Deus diferente, uma Igreja aberta, viva e vivificante. Para melhor entendimento dessa transformação deixo o Profeta falar:

“Por acreditar firmemente numa vida nova, numa vida diferente achavam-se alguns um lunático. Outros, mas condescendentes, um visionário nem uma coisa nem outra, apenas trabalhava com a realidade divina nas nossas vidas. (...) se a isso alguns gostariam de denominar minha enorme crença em Deus e num futuro diferente do que vivia, de utopia, pode crer que sim. A utopia é a essência da crença divina em nossas vidas. Sem a utopia, os homens já teriam deixado de existir há muito tempo” (CÂMARA, 2007 Orelha de NOVAS utopias).

Encontrei Dom Helder em outros momentos em Natal, mas não foram encontros tão marcantes como aquele de 1970. Conhecê-lo de perto foi um dos melhores acontecimentos que tive de experimentar, pela tranqüilidade, convicção e serenidade que sua fala, seus gestos, seu olhar transmitiam. Por isso, posso afirmar que conhecer o caminhar de um indivíduo, seu pensamento, suas ações, seus feitos concretos, é conhecer também a história de seu tempo, da sociedade a qual ajudou a construir e pela qual luta. “Dom Helder, com certeza, durante a sua vida terrena, cumpriu a missão que Deus dele esperava quando lhe concedeu a vida e viveu como profeta, anunciando a Boa Nova de Deus, denunciando o que afaste os homens do reto caminho” (STRIEDER, 2007, p.20)

Na sua errância Dom Helder correu mundo pregando, denunciando, dialogando com gentes as mais diversas. Diferentes religiões, de distintas filosofias, de diversas classes Sociais e posições políticas. Budistas, islamitas, cristãos, protestantes, ateus, reis, rainhas, políticos, artistas, escritores, religiosos. Na sua busca incessante pela paz e a unidade na diversidade, foi incansável.

“persistiu em sua missão de pregar a justiça, a paz, a dignidade de todos os seres humanos,

a fraternidade universal, a tolerância étnica, denunciando as torturas, as explorações, os gastos fabulosos com armamentos, a exploração dos países pobres pelos países ricos, as desigualdades entre homens, o absurdo das guerras” (STRIEDER, 2007, p. 20).

È, pois, deste cidadão do mundo que fez parte do rebanho de Deus e humano que estou falando. É essa figura mítica e mística cuja missão como artesão dos ensinamentos divinos, que tento rejuntar alguns fragmentos da sua vida/ morte para reconstruir um esboço de seu perfil enquanto indivíduo de trajetória rica e diversificada. Os aspectos aqui reunidos, trazem a conhecer o itinerário do pensador e suas memórias. É desse ponto que Dom Helder construiu um caminho intelectual/ religioso que fez se construir uma narrativa quase mítica contribuindo para a feitura, não de uma mera biografia, mas de um conjunto de narrativas que situam no espaço e no tempo com sua historicidade plena de utopia reunindo profecia, esperança, afetividade, graça, amor e solidariedade, a partir das dimensões que envolvem o Ser humano: intelectual, política, biológica, física, afetiva e religiosa.

2. ESBOÇOS DE UM PERFIL

Helder Pessoa Câmara, nascido em Fortaleza – CE aos 7 dias do mês de fevereiro de 1909, era filho de João Câmara, livreiro e Adelaide Pessoa Câmara, professora. Uma família pobre e bem nordestina com 14 filhos. Seu nome foi uma homenagem de seu pai a um pequeno porto da Holanda. O motivo da homenagem a um país tão distante é desconhecido! Cedo o pequeno Helder mostrou pendores para ávida religiosa e apoiado pelos pais entrou no Seminário da Prainha onde fez seus estudos. Ai ordenou-se em 15 de agosto de 1931, com 22 anos de idade. Ainda em Fortaleza,

exerceu seu sacerdócio por alguns anos, indo em seguida para o Rio de Janeiro. Em 1953 foi eleito Bispo, em 3 de março. No Rio, sua atuação foi intensa. Tanto na arquidiocese, como para Igreja do Brasil. Contribuiu “para a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), para a criação da CRB e do CELAM, entidades cuja atividade serviram para organizar a vida eclesial no Brasil e na América Latina. Sua participação também se fez relevante como Bispo na implantação do Concílio do Vaticano II no Brasil, “tornando-se pastor- profeta de referência para todo Brasil e o mundo” (BRITO, 2009, p.4)

Em 1964 foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife, onde permaneceu até 1985. Dom Helder Câmara como Bispo deu sua contribuição para a Igreja não só no Brasil, mas no mundo, “desenvolveu importantes funções junto às organizações civis e sociais colaborando para as mudanças sociais no país” (BRITO, 2009, p.4).

Durante o período militar – 1964-1985- Dom Helder não teve sossego. Sua luta contra a tortura e a perseguição, a violação dos Direitos Humanos foi permanente.

“assumi a luta das causas humanitárias pela justiça e a paz, com pronunciamentos proféticos, a exemplo do que fez em Paris em 1970 denunciando pela primeira vez, ‘no coração no mundo’, a prática da tortura a presos políticos no Brasil” (BRITO, 2009, p.4).

Dom Helder não se cansou de lutar pela fraternidade universal, apesar das perseguições e dos contratempos como no período militar no Brasil (1964-1985). Naquele período sua “residência na Igreja das Fronteiras, no Recife, foi metralhada”. Teve alguns de seus auxiliares presos, perseguidos, torturados e mortos, como ocorreu com Pe. Henrique, seu auxiliar que foi “torturado, morto e jogado no Campus da Universidade Federal de Pernambuco”. No entanto, não desistiu de prosseguir com a luta a favor da paz, da igualdade, da justiça, da tolerância, religiosa, étnica e de classes (STRIEDER, 2007, p.21). Sua utopia era o desejo e o sonho de um mundo sem miséria, sem tristeza, fraterno e igualitário. A mensagem profética, com a força de que era revestida,

demonstrou ao mundo que ele agiu como um sacerdote, não apenas da Igreja Católica, mas de toda a humanidade.

3. FORÇA INTERIOR: expressão de sua espiritualidade.

A força interior que Dom Helder possuía era de uma extraordinária evidência, tanto que quem o conhecia de perto ficava contagiado, levando os indivíduos a terem esperança frente aos desafios do mundo. Ele sempre repetia que a perseverança faz levar aos objetivos e aos sonhos a se tornarem realidade. Essa sua força interior e crença na vida e nas transformações, ficam muito evidentes quando faz transparecer sua espiritualidade e esperança na paz e na solidariedade em uma carta enviada a amigos italianos reunidos em um movimento denominado de Mani Tese (“mãos estendidas”):

“... não estamos sós. Por isso não aceito resignação e o desespero. A fome será vencida. No final, haverá paz para todos. Neste universo, a última palavra nunca poderá ser a morte e sim a vida! Não poderá Ser o ódio, mas o amor! Não poderá Ser o desespero, mas a esperança nunca as mãos enrijecidas, fechadas no ódio. Mãos estendidas e unidas na solidariedade e no amor para com todos” (CÂMARA apud BARROS, 2007, p.24).

O texto fala ainda de uma unidade na diversidade, que as diferenças são o alimento da unicidade. Que o diálogo é fundamental para se ter um mundo mais solidário com caminhos abertos. Essa perspectiva é discutida em Morin (2000) que considera a eficácia da articulação unicidade/ diversidade no sentido de reunir as diferenças e aproximações, ciência e tradição, razão e emoção a possibilita de contemplar o indivíduo em suas várias dimensões como físico/ cerebral, racional/ afetiva, biológico/ genética, sabedoria/ conhecimento. Nessa linha lembra Prigogine (2009) quando fala em caminhos abertos no

sentido de que os dados estão postos restando ao individuo construir o conhecimento, buscando as brechas ou como ele conceitua de bifurcações, as quais são novos caminhos que, podem ser escolhidas pelos indivíduos, e se constituem em possibilidades uma vez que o mundo vive hoje de incertezas o que possibilita as escolhas tanto no presente como para o futuro que está aberto. Nesse ponto de vista Prigogine, acredita nas bifurcações, nas mudanças de caminhos, portanto em eventos imprevisíveis. Essa oposição aos determinismos é uma aposta na criatividade do homem, capaz de produzir novos eventos e mudanças de rota. Da mesma forma, Dom Helder acreditava na imprevisibilidade e num futuro aberto, bem como nas bifurcações, tanto que seus discursos, suas orações, seus escritos apontam para o novo. O seu pensamento sempre foi pleno de uma ética da solidariedade “e sua crença na força das idéias, como base fundamental para a construção de um mundo mais respirável” (LEÃO, 2007, p.34).

Para comemorar o seu centenário de nascimento este ano o IDHeC- Instituto Dom Helder Câmara- recebeu o prêmio Alceu Amoroso Lima- “Poesia e Liberdade 2008” como forma de homenagear a “figura” do homem “poeta e lutador pela paz e pela liberdade”, não para cultuá-lo, “mas trazê-lo para atualidade”. Dom Helder, além disso, deixou em cartas, encíclicas, documentos e livros sobre o que pensava e sentia em relação ao mundo e aos homens, publicou 23 livros em prosa e poesia. “Ele tinha uma linguagem poética até em prosa” (BORGES,2009).

Sua crença na espiritualidade, na força das idéias, na solidariedade e desprendimento material é atestado pela sua participação não só como signatário, mas como proponente do “Pacto das Catacumbas” assinado em 1965 em Roma pouco antes da clausura do Concílio Vaticano II, por cerca de 40 Padres Conciliares que celebraram a Eucaristia em Domitila. O documento era um desafio aos “irmãos no Episcopado” que se comprometiam com uma “vida de pobreza e uma Igreja que servisse aos padres. Diz o documento:

“Nós, Bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho; incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de

nós quereria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos Irmãos no Episcopado; contando sobretudo com a graça e a força de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes de nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e dos fiéis de nossas dioceses, na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda a determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que segue:

1)...viver segundo o modo ordinário de nossa população... 2) renunciar á aparência da riqueza. 3) renunciar a posse de imóveis e moveis, nem conta em banco... 4) confiar a gestão financeira e material em nossa dioceses a uma comissão de leigos... 5) Recusar ser chamado com nomes e títulos que signifiquem a grandeza e poder... 6) Nas nossas relações sociais evitar privilégios, preferência, etc... 7) Evitar o incentivo ou lisonjeio a vaidade de quem quer que seja... 8) Empregar nosso tempo a reflexão, coração, meios, etc.,ao serviço apostólico... 9) Com vistas a justiça e a caridade transformar obras de “beneficência” em obras sociais...10) Pôr tudo em obra para que o governo ponham em prática as leis... 11) Como colegiado dos bispos comprometemo-nos: - participar com os investimentos dos episcopados das nações pobres; - requerer junto a Órgãos internacionais como o fez o Papa Paulo VI na ONU a adoção de estruturas econômicas e culturais que não produzam nações proletárias onde já há tanta riqueza, permitindo aos pobres saírem da miséria. 12) Compartilhar a caridade pastoral (irmão em Cristo) para que nosso ministério seja um verdadeiro serviço...13) De volta às nossas dioceses divulgaremos aos nossos diocesanos. (Concilio do Vaticano II,1966).

Por esse Pacto, sente-se o quanto Dom Helder acreditava na força das idéias, na fé inabalável em Deus e como lutava por um mundo igualitário, na dignidade humana, na solidariedade, na ética, agindo sempre com muita humildade, como sempre viveu. Essa

humildade, e a simplicidade com que procurou viver comprometeu-se, aos 34 anos, não deixar marcas fortes na sua passagem pela terra, como por exemplo, escrever nem a Suma Teológica nem a Divina Comédia, mas se espelhar em São Francisco de Assis, mesmo de longe. No entanto, o Centro de Documentação Helder Câmara- CeDoHC, possui um rico acervo composto por 45 livros, traduzidos em 16 idiomas; 27 prefácios; 7.547 meditações; 297 Circulares Conciliares; 531 Circulares sobre Ação Justiça e Paz, minorias Abraâmicas, trabalhos e a vida da Arquidiocese e outros assuntos; 747 Discursos; mais de 60 títulos biográficos, entre outros escritos; 2.735 programas de rádio. “Um Olhar Sobre a Cidade” (1974-1983); 1.810 programas de rádio – “Pausa para uma Prece” (1976-1983); inúmeras Revistas; 2.758 livros dedicados ou presenteados; 320 vídeos tapes; 291 fitas K7; Cerca de 15.000 fotografias; 44 volumes encadernados com recortes de jornais, nacionais e internacionais. Textos da “Sinfonia dos Dois Mundos” e o cronograma com as 42 apresentações em diversos países; Ballet “Missa para um Tempo Futuro.” Inúmeras monografias e Teses. Os últimos dez itens da relação são sobre o Dom.

Desse ligeiro perfil de Dom Helder Câmara, o Dom da Paz como foi chamado, posso dizer que colaborar com as homenagens pelo seu centenário de nascimento, é um momento que oportuniza refazer Sua trajetória plena de realizações a serviço do homem, da fé, dos Direitos Humanos, da Paz e da Justiça, trazendo seu projeto de vida para atualidade.

REFERÊNCIAS

BRITO, Pe Eduardo Alexandre de . Dom Helder Câmara, o profeta do Século XX! In: Jornal Caminhando. de fevereiro de 2009. P. 4 .Natal - RN .

BARROS, Marcelo. Apresentação: A luz veio de outro mundo. In: Novas Utopias. Dom Helder Câmara (Espírito); psicografado por Carlos PEREIRA- Belo Horizonte: Luminuras, 2007. P.23-25.

STRIEDER, Inácio. Prefacio. In Novas utopias. Dom Helder Câmara (Espírito); psicografado por Carlos Pereira – Belo Horizonte: Luminuras, 2007. P.17-22.

CÂMARA, Dom Helder. Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Padre. In: WWW.ccpq.puc.rio.br/memoriapos/dhc/

MORIN, Edgar. Meus Demônios. Rio de Janeiro: Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles, 2ª ed. Bertrand Brasil , 2000.

LEÃO, Jordana Gonçalves. Novas utopias, o mesmo Helder In: NOVAS utopias. Dom Helder Câmara (Espírito); psicografado por Carlos Pereira. Belo Horizonte: Luminuras2007. p. 27-34

BORGES, Marieta. IDHeC recebe prêmio post - mortem concedido a Dom Helder Câmara. Rio de Janeiro; 23 de janeiro de 2009. IDHeC acessado em 30.09.09.

PRIGOGINE, Ilya. Ciência, razão e paixão. (Org/ Edgard de Assis Carvalho, Maria da Conceição de Almeida. 2.ed. rea. E ampl. São Paulo; Editora Livraria da Física, 2009.

Pacto das Catacumbas. In. Concílio Vaticano II. Vol. V. Quarta Sessão (Vozes, 1966). Organizado por Boaventura Kloppenburg (p.526-528).

